

**Kim Salmons (2017), *Food in the Novels of Joseph Conrad: Eating as Narrative*, s.l., Palgrave Macmillan<sup>1</sup>**

Recensão de **Jorge Bastos da Silva**

*Universidade do Porto*

À parte incontáveis artigos dispersos, a bibliografia crítica conradiana, sob a forma de monografias, colectâneas de ensaios e periódicos especializados, monta em centenas de volumes, não surpreenderá que grande parte publicados no mundo anglo-saxónico e na Polónia, e com incremento na sequência do sesquicentenário assinalado em 2007. Sem fazer reflectir nas suas fontes um conhecimento aturado dessa pesada herança hermenêutica (como, de resto, de outros aspectos da História da cultura oitocentista e contemporânea), o estudo de Kim Salmons *Food in the Novels of Joseph Conrad: Eating as Narrative* mostra-se todavia convincente e interessante, ao oferecer uma análise da escrita conradiana – quer ficcional, quer memorialística, e reportando-se ainda à correspondência e ao ensaio – que explora um fio condutor congruente e válido para releituras que atravessam o conjunto das obras do autor. Salmons desenvolve um exercício de exegese rente ao texto, efectuando uma abordagem detalhada da composição de quadros narrativos, personagens, imagéticas e temas, recorrendo ao mesmo tempo a dados históricos e biográficos e a conceitos operatórios como a oposição entre o cru e o cozinhado das pesquisas antropológicas de Claude Lévi-Strauss, em ordem a um enriquecimento da sua prática interpretativa. As obras de Conrad sobre as quais se debruça com maior detenção são

*Almayer's Folly* (capítulo 3), “Falk: A Reminiscence” (capítulo 4), *The Secret Agent* (capítulo 5) e *Under Western Eyes* (capítulo 6). Estas secções do estudo são precedidas de uma introdução na qual a investigadora, apontando as referências bibliográficas que lhe são mais relevantes, declara os seus objectivos e as suas teses nucleares nos termos seguintes:

This book examines the place of food within the fictional works of Joseph Conrad, especially the manner in which the fictional presentation of food in the novels articulates and engages with the historical facts and details surrounding the consumption of food at the end of the nineteenth century and the first decade of the twentieth: the ideological environment of an era when food becomes a politically encrypted commodity within a colonial and capitalist market. Through food Conrad examines the tensions between colonizer and colonized, social constructs of morality, ideology, and the political and ethical methods of food production. All of this is played out against a background of urban growth, a crisis in national identity and the decline in support for the British Empire. (p. 4)

E são precedidas, também, as referidas secções de um capítulo que desenha um contexto histórico no qual se confirma o realce, adquirido na circunstância colonial-imperial, da circulação de bens de sustento, da insegurança alimentar das populações mais desfavorecidas e do discurso identitário étnico e/ou nacional associado às dietas, entre outros aspectos.

Dando sequência a alguns dados já aventados na introdução, o capítulo 2, sob o título “Historical Context 1890 to 1920”, compila uma série de informes pertinentes para o entendimento dos textos – constituindo um apanhado de potencial utilidade para a abordagem de outras obras da época, em especial de autores cuja escrita se apresenta comprometida com as realidades do Império Britânico. Salmons foca sucintamente o papel do comércio e da marinha mercante nas relações internacionais e intra-imperiais do período em causa. Debruça-se, sobretudo na perspectiva dos Europeus e da metrópole, sobre a produção e a importação de bens alimentares tão diversos como a manteiga, a carne, os ovos, o açúcar, o arroz, as batatas, o peixe, os cereais e a fruta, assinalando com testemunhos e dados quantitativos a sua importância relativa. Refere os modos de produção dos alimentos, as vicissitudes do transporte, a alteração das dietas da população metropolitana por influência dos territórios do Império, as vogas culinárias e as alterações

de gosto de fundo. Salmons fornece indicações acerca dos hábitos alimentares (ou das possibilidades de sustento) das diversas classes – incluindo a desadequação da comida (muitas vezes em conserva ou à base de concentrados) acessível aos mais pobres, não raro adulterada, insalubre, causadora de desequilíbrios nutricionais; com o que, a par da emergência ou proliferação de enlatados, concentrados e refrigerados, nos permite discernir os traços de uma modernidade quotidiana e capitalista que ainda está connosco. De interesse, complementarmente, mostra-se ainda a tónica da “desnacionalização” da dieta, que passa por factores como a popularização do caril, o vegetarianismo (na nação de John Bull, recordamos – identificado com aspirações reformistas, quando não com correntes políticas radicais), a conotação das batatas fritas com a França (pense-se no famoso prato de *fish and chips*, afinal menos típico do que poderia supor-se) e a abertura de restaurantes de expatriados de várias proveniências na região de Londres. Tomado como um todo, este capítulo articula a obra com o contexto: a obra encarada, a um tempo, como documentário e como comentário – como reflexo e como apropriação criativa de realidades verificáveis; sendo que de grande parte dessas realidades Conrad terá tido conhecimento directo ao longo da sua carreira como oficial da marinha.

O teor do capítulo de contextualização, aliás, demonstra até que ponto o estudo de Salmons ultrapassa – e bem – a “perspectiva culinária” anunciada no prefácio (p. ix), conceito que se afigura manifestamente redutor. Bem entendido, os capítulos sucessivos atentam nos *Leitmotive* da alimentação – isto é, nos motivos do objecto que é a comida, do acto de comer, dos actos de preparar e servir, e outrossim das pessoas como comida, literalmente, em situações-limite, ou figurativamente, nas banalizadas relações de exploração imperial-capitalista ou nos ímpetos da violência revolucionária – com uma amplitude que não se coaduna com a estreiteza de uma “culinária” em qualquer sentido próprio do termo.

É disso exemplo, desde logo, a detecção em *Almayer's Folly* de um jogo de significações estribado na discrepância de estatutos entre o europeu e o malaio – ou o asiático em geral –, entre o homem e a mulher, os senhores e os escravos. Trata-se de

discrepâncias notoriamente instáveis, e desconstruídas até no curso da intriga, pois, como alega Salmons,

the voice of the colonized becomes authoritative just as the food of the colonized Other plays a dominant role in supplying Europe and the British Empire with edible products – not least, rice, sugar, fruit, spices – placing the East as an important source of sustenance for the West. (p. 48)

O romance expõe a falência do preconceito eurocêntrico e, em particular, a forma como é minada a presunção da superioridade do homem europeu que (ou quando) não consegue fazer valer o seu projecto pessoal de enriquecimento e de enraizamento no território do Outro. Sob este prisma, Salmons evidencia a subtilidade da arte narrativa conradiana, em cuja tessitura o fazer e o vender, o desejar e o comprar, o cuidar e o trair se encadeiam e “inconspicuous food metaphors drive the narrative forward” (p. 57).

Por seu turno, a novela “Falk: A Reminiscence” suscita à estudiosa um breve levantamento das atitudes vitorianas perante o fenómeno do canibalismo, ora visto como sintoma de incivilização, ora aceite como último recurso de sobrevivência em naufrágios e situações de análoga extremidade, como seria o caso das fatídicas expedições ao Ártico, desde que respeitada a regra do sorteio imparcial (Salmons argumenta que é, especificamente, a expedição liderada por Adolphus Greely que subjaz ao relato de Conrad). Por conseguinte, o tema envolvia inquietações concernentes à dissemelhança entre o primitivo e o civilizado, o negro e o branco, também repercutidas na fábula de Kurtz e do inominável em “Heart of Darkness”. A fome e a morte surgiam como espectros que faziam vacilar as certezas morais, e a imprensa oitocentista – bem como o sistema judiciário – debatiam-se com os casos reportados ou suspeitos com um misto de horror, fascínio e compreensão.

O canibalismo de “Falk” e “Heart of Darkness” denota um elemento transgressivo no cerne da vivência e do ser do homem europeu. De certa forma, os dois romances políticos escolhidos para análise por Salmons inscrevem-se na continuidade deste problema. Quer em *The Secret Agent*, quer em *Under Western Eyes*, é já dentro da civilização europeia que se encontram e se movimentam os agentes do caos – ou tão-somente da expectativa de

mudança revolucionária –, com as figurações da comida e do comer que lhes estão associadas. Na primeira destas duas narrativas, Salmons destaca o facto de o regime alimentar carnívoro ser conotado com o capitalismo, enquanto a dieta vegetariana se associa ao anarquismo, numa linha que remete para apologias do vegetarianismo que remontam ao Período Romântico. Lembrando o panfleto de Percy Bysshe Shelley *A Vindication of Natural Diet*, de 1813, a autora sustenta que “[Conrad], like Shelley, uses meat as an analogy for capitalist corruption” (p. 84); e, recordando ainda o uso que Shelley faz do mito de Prometeu, o ladrão do fogo divino, retoma os ensinamentos de Lévi-Strauss em *Le Cru et le Cuit*, aos quais aludimos acima. A leitura de Salmons, entre outros aspectos de *The Secret Agent*, salienta o papel da (in)consciência e do corpo desfeito de Stevie – e secundariamente do cadáver esfaqueado de Verloc –, dentro de uma trama de radicalismo político em que a carne e o sangue (animais e humanos) assumem um significado perturbador por demais poderoso, insuportável até, ainda que – ou talvez precisamente porque – quase subliminar.

Passando do terrorismo a outras formas de violência política, Salmons põe em realce o retrato conradiano da Rússia, em *Under Western Eyes*, como país de fome – fome de comida, de justiça, de liberdade –, observando: “Food and hunger become the vehicles through which it is possible to explore the key tensions of the novel: revolutionary politics, the mysticism of Russian Orthodoxy, the brutality of autocracy and the cannibalistic spectre of Russia as a ‘tragic mother’” (p. 100). A imagética da comida servirá ao romancista para ancorar a sua história no folclore dos povos eslavos (a bruxa Baba Iaga; a simbologia do pão, também com o seu lastro de evocações eucarísticas) e, em simultâneo, para pôr o idealismo das ideologias e conspirações revolucionárias em contraste com a experiência palpável da mais árdua e persistente escassez.

Neste percurso, teria sido aliciante, parece-nos, aprofundar o facto – por certo mais do que mera coincidência – de em todas as histórias focadas a representação dos alimentos, achando-se vinculada a noções de direito, distância, apropriação e espoliação, se encontrar ao mesmo tempo articulada com as contingências do exílio, seja dentro da Europa, seja em paragens mais longínquas.

Naturalmente, os méritos do estudo de Kim Salmons permitem que dele se extraiam contributos para o conhecimento da obra de Conrad. O presente texto, contudo, é, por assim dizer, uma *recensão situada*, isto é, inserta num projecto de investigação da área dos “Food Studies”, interseccionados com os Estudos Literários. Por consequência, importa-nos sublinhar, de entre os conceitos avocados e os procedimentos interpretativos postos em prática por Salmons, aqueles que poderão revelar-se inspiradores ou modelares, fomentando uma espécie de *brainstorming* com vista à sua eventual aplicação a obras diversas. Assim, teria cabimento efectuar um pequeno inventário de ideias que poderiam operar como exemplo e estímulo, propiciando revisitações de escritores do cânone ou o reconhecimento de autores nele (ainda) não integrados. Convidamos o leitor a ponderar de novo o conteúdo dos passos que fomos transcrevendo acima e, perante esses pressupostos e conclusões, a interrogar-se: que autores beneficiarão com o exemplo destas análises, que textos, que géneros ou subgéneros, que correntes literárias aproveitarão de um olhar crítico reorientado por estas coordenadas? Ou, se o leitor tiver já um texto em mente, o que revelam dele, por contraste ou analogia, afirmações como a seguinte, atinente a *Almayer’s Folly*?

Food appears in a minor key but when the novel is read through its prism, politics, gender divisions, trade, wealth, colonial tension, are all magnified. Conrad exploits the food metaphors that are central to western culture and places them within the Eastern sphere. As a result, food creates that ‘bond between us and that humanity so far away’ (viii) not only in its role as a commodity to be traded between nations but as a universal language that represents the ‘shared impulses’ that drive human beings: that of hunger and love. (pp. 64-65)

De modo semelhante, quando Salmons constata: “Curry and rice also represent the swift appropriation of a colonial dish into the English diet in the same way that England appropriated people, customs and their land” (p. 32) – encontrar-se-ão ressonâncias deste processo de assimilação em outros textos tocantes à problemática dos imperialismos? E não haverá outros textos de permitir vislumbrar fenómenos de apropriação de sentido inverso, ou com marcado grau de ambivalência, dando conta de como os Ingleses, ao

absorver o Outro, por força das necessidades de subsistência ou das veleidades do paladar, estariam porventura a deixar-se absorver por ele? Ou, numa formulação mais directa, até que ponto alimentar-se do alheio não é alhear-se de si mesmo?

A encerrar, não podemos prescindir de fazer duas observações de carácter formal. Primeira: ao longo do livro, ocasionais falhas de redacção denunciam um acabamento editorial menos cuidado do que seria desejável. Segunda: é um tanto peculiar fornecer resumo e palavras-chave no início de cada secção do estudo (isto é, de cada capítulo nuclear, da introdução e até da breve conclusão), assim como referências bibliográficas no final das várias secções. O método sugere como que uma autonomização dos diversos segmentos, fazendo-os assemelhar-se a ensaios independentes, incidentalmente reunidos numa colectânea, quando constituem partes inter-relacionadas de uma monografia. Não obstante, fica claro que o trabalho de Salmons é de leitura proveitosa, quer para conradianos, quer para investigadores comprometidos com a área dos Estudos sobre a Alimentação que se identificam primacialmente com uma matriz de Estudos Literários.

## NOTA

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado no âmbito do Projeto ALIMENTOPIA / Utopian Foodways, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização – COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680).